

**BIS**

*Premio*  
**LeYa**  
2008

**O RASTRO DO  
JAGUAR**

*Murilo*  
*Carvalho*

## O CORO DOS PEREGRINOS

Esses escuros profetas talhados na pedra, que vejo da janela do meu quarto, estão se tornando uma obsessão na minha vida; e essa chuva que parece não parar nunca, que molha as pedras como óleo, me penetra nos ossos como me penetra na alma o olhar duro desses profetas. Aqui, neste quarto de hotel, às vésperas do novo século que vai despontar com o sol, fico imaginando como iniciar minha narrativa. Neste País Brasil, cuja vida é rica de fatos e lutas, qualquer heroísmo parece tolo: uma ação que na Europa seria digna de um mito, aqui faz parte do cotidiano das pessoas. A brutalidade das terras interiores reduz mitos e heroísmos a apenas uma história pessoal, uma história como a revelada por esses doze profetas que se espalham pelo adro externo da pequena igreja, neste recanto do mundo: Congonhas do Campo, Minas Gerais. São estátuas rudes, esculpidas com amargor, com dureza; com a sabedoria e o mistério que encantam e assustam: estas figuras de pedra-sabão – uma pedra mole e macia que aqui vira estátuas, santos e panelas de cozinhar arroz e feijão.

Minha única companhia é um fantasma, doce fantasma que bebe comigo, deita em minha cama, caminha ao meu lado pelas ladeiras empedradas, olha com meus olhos a chuva, sente como eu o vento que entra pela janela, vindo das montanhas. Francisca, esse fantasma que não me assombra: música, gestos, vozes; meu amor.

Estou sentado diante da janela e uma vasta cortina de água me recorda outros tempos, em outro país; um momento perfeito, nesta véspera de ano novo, neste ano de

1900, para iniciar minha narrativa: verei, decerto, os primeiros dias do próximo século que chegará com o amanhecer; mas não vou durar muito. Não tenho nenhuma doença incurável, a não ser essa carga de outonos que me faz escrever sentado com uma garrafa de água quente nos pés, mesmo neste tempo de enganoso verão tropical. Há pouco cheirei cocaína que meu amigo Cirilo Cunha, farmacêutico de Congonhas do Campo, receita como estimulante para velhos como eu, que precisam desta fuga, deste entusiasmo marcial que abranda a umidade da chuva e renova a vontade de trabalhar. Ela me deixa mais disposto, quase eufórico, numa sensação semelhante a que me causa o café bebido bem quente; mas meu estômago fraco de velho jornalista não suporta mais a robustez do café.

O que me proponho a escrever não são minhas memórias, não é um romance; será, talvez, uma longa reportagem sobre a história de várias guerras, grandes e pequenas, que acompanhei ao longo desta vida de repórter. Mas principalmente sobre a viagem de um homem em busca de sua alma e de seu povo. Esse homem se chamou Pierre de Saint'Hilaire, foi soldado, músico, poeta, e mais tarde transformou-se no Jaguar, o Iauaretê das pradarias do Sul.

A imagem que guardo de Pierre é como a visão de um calidoscópio, formada por dezenas de pedaços desconexos, que se juntam e se modificam todo o tempo. Num momento ele está entre as árvores do Bois de Boulogne, envolto na neblina do amanhecer de Paris, bêbado e alegre; depois, vejo-o em pé sob as copas dos densos pinheirais do Planalto Sul, embrulhado num cobertor cinza, molhado das chuvas que caíam havia vários dias. Um outro giro na memória e ele surge em sua farda vermelha de gala, tocando os tambores no desfile da vitória, na larga avenida que leva ao Arco do Triunfo, brilhante sob o sol. Mais outro Pierre, desconsolado, ao ver os corpos dos meninos em chamas no vasto campo de Ñhu Guaçu; ainda outro e Pierre é o músico compenetrado, atento, no poço da orquestra do Teatro da Ópera, o velho teatro que não existe mais, devorado por um

incêndio; um novo girar do calidoscópio e a imagem que se forma é a de seu rosto coberto de sangue, gritando com um grupo de jovens soldados na batalha de Mulhouse. Mas, com certeza, a memória mais forte que registro de meu amigo é a da última vez que o vi. Fazia muito frio e uma chuva fina caía como poeira, dourada pelos olhos de sol que rompiam as nuvens, envolvia as árvores e fazia brilhar a grama nova que cobria o vale do Iguariaçá. Estivéramos juntos por muitos anos e aquele era um momento de despedida, porque Pierre fizera uma escolha definitiva e iria partir com seu povo para uma caminhada sem volta. O que me surpreende, tanto tempo depois, é que mesmo ali, sob os pinheiros, com a chuva escorrendo pelos cabelos, ele continuava se parecendo com o oficial do exército e o músico da Ópera de Paris que percorria as alamedas do Bois de Boulogne, enfiado em outras brumas, tanto tempo atrás.

Recordação: no final do outono de 1860 não se achava muito trabalho em Paris e nós não estávamos preocupados com isso. Caminhávamos pelo Bois de Boulogne; fazia frio, o céu começava a clarear, as nuvens finas punham uma cor suave no horizonte que vazava por entre as folhas. Pierre, Fontain e Renan eram apenas vultos na neblina e suas vozes soavam distorcidas, ou talvez eu estivesse ainda bêbado, mas acompanhava a conversa de longe, como retalhos de som, e eles, o que faziam era recitar um poema que aprendêramos havia muito tempo, quando voltávamos de uma batalha no Norte. Éramos, os quatro, pequenos oficiais do exército francês, obrigados a rodar pela Europa como policiais do mundo, exercendo o poder gerado por vitórias e conquistas em vários cantos da terra. Nosso exército mantinha-se orgulhoso, como se o grande Napoleão ainda cavalgasse pelas estradas barrentas, e embora nossa fama de grandes soldados já não fosse levada tão a sério, ainda pertencíamos a uma elite de guerreiros. Mas os tempos eram confusos, o povo tornara a colocar outro Napoleão no poder, o exército não tinha mais grandes atrativos para nós, principalmente porque o soldo tornara-se ralo e raro. Depois de trabalhar no Norte da Itá-

lia, como guardas de um idoso príncipe de Milão, estávamos de volta a Paris.

Tínhamos o dinheiro do pagamento recebido do príncipe milanês e, além disso, fizéramos uma expropriação numa granja na fronteira, uma brincadeira que acabou rendendo alguns queijos, vinho e uma pequena quantia em moedas de ouro e que mais tarde nos trouxe um enorme problema. Morávamos, por aqueles tempos, numa casa antiga e um pouco arruinada pela revolução de 48, que pertencia a um velho general, irmão de outro general, que por sua vez criara Pierre desde pequeno. Não me é difícil recordar desses meus amigos. Vivêramos juntos em vários quartéis, anos na escola de oficiais, mas eles – com exceção de Pierre – desapareceram muito cedo da minha vida.

Venho de uma família de Portugal, migrada para Toulouse quatro anos depois do meu nascimento. Meu pai, judeu, amava Napoleão Bonaparte e chegara mesmo a constituir um grupo de apoio à sua política. Imagino até que boa parte de sua fortuna, construída nos portos de Vigo, na Galiza espanhola, negociando com barcos, tenha sido entregue a oficiais do general, antes de seu retorno da ilha de Elba. O fato é que, por essas relações antigas, acabei entrando no exército francês – já bem depois da derrota, já bem depois de toda essa história que colocou a França como centro militar da Europa. Adotei, com minha única irmã, a cidadania francesa, embora Portugal tenha permanecido na minha memória como a boa terra de minha mãe, uma camponesa católica, nascida numa quinta na região do Porto e que jamais aceitou falar outra língua que o português. Aliás, foi o português herdado de minha mãe que me trouxe a este País e que me tornou parte desta história que começo a narrar. Meu pai morreu cedo, enquanto eu andava com o general Paul Vincent pela África; voltei e continuei no exército até que minha vida começou a mudar.

Nosso grupo fora bastante unido pelas dificuldades da guerra na Alemanha e na África. Todos tivéramos mulheres, mas as mulheres, como as guerras, se foram; e o fato é que

voltáramos a Paris, buscando uma outra vida. E agora estávamos lá, no meio das brumas que o sol da manhã não conseguia dissipar, caminhando pelo Bois de Boulogne como dançarinos, e Renan tinha uma garrafa de vinho na mão e bebia goles curtos. Minha perna doía um pouco; levava um chute na coxa esquerda e andava devagar atrás deles. Renan era como um gigante, mas Pierre era ainda mais forte e seus golpes foram decisivos durante a enorme confusão que se dera na porta da Ópera, na noite anterior, quando Paris vira e ouvira, pela primeira vez, *Tannhäuser*. A madrugada fora de confusões: brigas, prisões, correrias. Agora – todos livres – nos reencontrávamos nas alamedas do Bois.

– Valeu a pena. Que música, que música, meus amigos. Nada, nada pode se igualar ao momento em que as ninfas chegam e envolvem *Tannhäuser*, dançando, antes da orgia. Aliás, o tema de orgia é o melhor de tudo o que já escutei nesta minha vida; como é possível criar uma música tão envolvente; um uníssono que vem crescendo e depois explode num tufão de tesão?

Pierre era o único de nós que amava a música como uma profissão. Trabalhara duro por mais de seis meses, ensaiando na orquestra do Teatro da Ópera, vivendo aquela música com a intensidade dos apaixonados. Todo o tempo mergulhara nas partituras de Wagner, sabia de cor as linhas de cada instrumento, os arranjos, as nuances de uma ópera tão difícil e tão nova que escandalizava e encantava.

– Estes meses de trabalho me ensinaram muita coisa, mas principalmente que a humanidade ainda não sabe nada de música, que a capacidade de criar é infinita e que as óperas italianas são puro xarope e que a doçura que delas emana pode ser muito prejudicial à saúde. Esses imbecis do Jockey Club, que se acreditam donos da verdade, que provocaram essa briga, ainda estão atolados no melado italiano. Wagner chegou e mudou tudo, mostrou que é possível fazer música com volume de sons, muitos metais tocando em uníssono e criando ponteios fortes, longe daquele formalismo piegas dos maestros italianos. Essa música de Wagner tem cheiro forte, é como cavalos em batalha, o suor escorrendo nas ancas, o

ranger dos dentes quando a gente pensa que vai mesmo morrer, aquele fedor de fezes e pólvora que fica depois do fim da batalha; o sangue misturado à bosta.

O entusiasmo de Pierre fazia-o falar e falar, como não estávamos acostumados a ouvi-lo, um homem quase sempre calado. Eu me lembro de como tudo começou e até mesmo da descrença com que escutamos o convite, feito por um músico baixinho, um belga que tocava trompa e vivia drogado nas madrugadas de dança e haxixe do salão Continental. Não me recordo do nome do belga, mas ele tinha um olhar mortiço de cachorro, chegou à mesa onde Pierre bebia e falou alguma coisa em seu ouvido. Pierre levantou a cabeça e olhou-o. A moça do serviço despejava vinho nos copos. O belga, diante do silêncio de Pierre, começou a bater na mesa, e aí pudemos todos ouvi-lo, mesmo na mescla de sons que o Continental produzia, bandejas batendo, risos, a voz de bêbados, o *bim* dos copos no balcão, a canção italiana que La Grosse trauteava do alto de um tablado, o ritmo mal acabado dos músicos meio adormecidos de fumo e ópio. O belga cantava, era um possesso maravilhoso, mostrava como era o Coro dos Peregrinos, vindos de longe, chegando, chegando, e de repente gritava como dois porcos sendo sangrados e eu achei que era um bêbado encantador que não segurava mais sua paixão pela música. Mas não era apenas um bêbado, era um bom músico bêbado, que sabia o que estava começando a acontecer em Paris naquele outono, sabia como era importante a música daquele alemão meio maluco e turrão, que insistia em brigar com o diabo e o bom Deus para provar que nem só de melado se faz uma ópera.

O convite era para que Pierre fosse até à casa do maestro que estava na coordenação dos ensaios de *Tannhäuser* e mostrasse seu estilo com os tambores, suas estranhas ferramentas de trabalho. Confesso que na hora achei aquilo tudo uma tolice, até mesmo porque, naquela época, ainda não havia escutado a música de Wagner e nem imaginava o que havia por trás da polêmica que chegara às páginas de quase todos os jornais. O belga tirou de dentro de uma bolsa de couro

um maço de papéis; eram pautas da abertura de *Tannhäuser* que ele estava estudando, pois fazia parte da orquestra da Ópera.

E agora, seis meses depois, estávamos ali, caminhando pelas alamedas mal iluminadas do Bois, ouvindo Pierre: seu entusiasmo.

– O mito, o mito é de fato a matéria-prima da poesia, da arte, qualquer arte. O mito é o motor poderoso capaz de buscar a emoção primitiva, aquela que está arraigada profundamente no coração do homem, e trazê-la limpa, fresca e sanguinolenta para a flor da realidade. Vocês precisam compreender isso para entender a música poderosa de Wagner. O homem veio das cavernas primitivas e no fundo de seu cérebro foi construindo mitos que o ajudavam a entender as forças da natureza; uma natureza violenta, que o batia com suas tempestades, seus raios; com os vulcões, as neves e o frio doloroso; com a fome, a sede, as feras bravias que o impediam de dormir em paz. Mas, principalmente, o assediava com a doença, um acontecimento incompreensível, que rompia todo o senso, toda a vida. Daí surgiram os deuses, a magia, a necessidade de se aplacar com fé as forças do desconhecido.

A fala de Pierre não era exatamente essa que eu uso para descrever suas idéias e seu entusiasmo, capazes de nos confundir. Além disso, escrever como eu escrevo é minha alegria; o que importa agora não são as exatas palavras ditas num passado que se perde na minha memória, mas os fatos que vieram, aos poucos, construindo esta história que eu preciso narrar.

Pierre caminhava lentamente. As sombras da madrugada eram úmidas e pareciam recender a perfumes de folhas, terra, madeira nova. Olhava-nos e seus olhos eram da mesma treva que ainda restava no profundo do bosque de carvalhos.

– É isso que eu sinto na música que Wagner nos apresenta; o temor de redescobrir os mitos de nossa história de animal humano; os mitos do combate à fome primeva, do amor primordial, do sexo feito nos campos, como o fazem os cães. Sua música é pesada sim, é feita de metais duros como a es-

pada, suas flautas são afiladas como flechas e os tambores, meus amigos, os tambores são como o troar dos canhões nos campos de sangue.

A ilusão dos mitos; tantos anos Pierre viveu à procura de seus mitos, da história revelada de um povo que – talvez – fosse o seu. Era o soldado, o músico – seria mais tarde o Jaguar, o profeta-guerreiro de uma nação agonizante. Naquela madrugada, depois da excitação de uma briga, da apresentação de uma ópera polêmica como *Tannhäuser*, seu discurso já continha o eco do futuro que iria encontrar entre seus ancestrais, nos campos relvados da América do Sul.

– Vocês não sabem minha origem, eu mesmo não sei, apesar de todos me chamarem de asiático. Não conheço meus mitos e talvez nunca venha a conhecê-los. Mas isso não importa, porque os mitos primitivos são os mesmo aqui, na Europa, como na África, na Ásia e na América. O homem não pode ser diferente de outro homem, porque o cheiro de sua bosta é sempre o mesmo e suas tripas se revoltam cada vez que o frio do medo ataca o coração. Quanta vez, no meio da batalha, a gente não tem vontade de fugir, esconder-se, durar mais um pouco; é o instinto mais arraigado que nos manda agir assim. Felizmente temos nossos mitos para nos empurrar adiante, temos nossas histórias de heróis para nos servir de exemplo.

Estávamos silenciosos, um pouco apáticos, ouvindo-o falar daquela forma. Não era natural em Pierre um discurso tão longo. Era sério demais, era entusiasmado demais para uma madrugada como aquela. Mas escutávamos e acreditamos que, como em mim, aquele discurso calava fundo também no coração de meus amigos. Estávamos cansados, sonolentos, meio embriagados. Havia poucas luzes sob as árvores do bosque. Estávamos todos tensos – *Tannhäuser* nos transformara de alguma forma, mas certamente o estranho discurso de Pierre era complemento poderoso para tornar mais profunda a sensação que as trompas e tambores, que o Coro dos Peregrinos nos causara naquelas horas abafadas da Ópera.

– É isso, meus amigos, que devemos aprender com essa música que tanta gente, nesta Paris burra, se recusa a aceitar, porque estão todos idiotizados pelas plumas dos chapéus, pela segurança do pão, pelas avenidas novas que se rasgam por todo lado, expulsando as pessoas para os bairros mais distantes. Vocês não percebem que essa mesma indiferença com a música nova é a mesma que faz com que os banqueiros e os arquitetos do Imperador destruam bairros inteiros para reconstruir Paris e empurrem seu povo aos barracos longínquos, às pocilgas imundas além do Sena? Não será tudo a mesma coisa, faces diversas de uma só moeda? A mesma insensibilidade doentia dos Jockeys?

Os Jockeys insensíveis de que falava Pierre, com quem nós havíamos brigado naquela noite, eram, na verdade, os representantes de toda elite econômica da França: os membros do Jockey Club, que tentavam fazer com que todos os franceses engolissem sua estética, seus preconceitos, suas idiosincrasias. Usavam como armas evidentes seu dinheiro, seu poder de influenciar jornais e jornalistas. E Wagner era uma coisa nova que chegava e, como toda novidade, desagradava profundamente aos conservadores do Jockey Club, que tinham retomado seus privilégios com o governo de Luiz Napoleão e procuravam enterrar fundo, na memória do povo, as conquistas da Revolução. Aos poucos, a influência dos Jockeys se estendeu para todos os campos do conhecimento: as mudanças que o Barão de Hausmann introduzia na cidade de Paris eram uma novidade que interessava, pois valorizava os terrenos que pertenciam justamente a eles e a suas famílias; a música italiana e a pintura acadêmica eram valores seguros e certos que procuravam garantir a todo custo. Até mesmo a poesia era descaradamente dividida em boa e má. Os poetas malditos – assim eram chamados nas colunas dos jornais homens como Baudelaire, Mallarmé e Victor Hugo – eram tratados como bandidos, destruídos na Academia como pragas. Tudo isso acontecia naquela Paris de minha juventude, mas certamente nem eu nem meus amigos Renan e Fontain teríamos nos envolvido nesses conflitos de idéias – e muito menos na briga da porta

da Ópera – não fosse por Pierre. Ele era um dos músicos daquele concerto, era um defensor convicto das idéias musicais de Wagner, da ópera como um conjunto inseparável de cena e som, mas, principalmente, percebia no Alemão a mesma busca obsessiva dos mitos que construíram a humanidade. Pierre insistia, talvez querendo saber quem era ele próprio, em mergulhar fundo na história dos povos, para compreender o homem atual, aquele homem que ali, na França do final do século XVIII, fora capaz de deitar abaixo um império corrupto, construíra com sangue e idéias uma Revolução moderna e depois perdera o rumo, submetendo-se novamente aos mesmos homens e às mesmas idéias que tanto combatera.

Na noite da estréia, o Teatro da Ópera estava iluminado como nunca. Toda a nobreza de Paris vinha chegando em suas carruagens fulgurantes. Fazia bastante frio e havia uma expectativa de que a apresentação pudesse ser tumultuada pela insistência com que os colonistas dos jornais atazanavam Wagner e quase pediam ao povo que censurasse a apresentação de *Tannhäuser*; havia mesmo um artigo ou outro que chegava a propor a violência como arma de dissuasão. Acreditávamos que haveria vaías, mas a presença de Luiz Napoleão não fazia imaginar a pancadaria daquela noite de estréia.

O fato é que depois da briga, que foi pouco sangrenta e um tanto divertida, como convém a um conflito de ópera, todos os jornais noticiaram os nomes dos principais envolvidos, isto é, o nome de nosso pequeno grupo e mais o de alguns ousados defensores do novo, em geral poetas magros, velhos músicos de pernas fracas e uns poucos jornalistas. E foi após o nome de Pierre de Saint'Hilaire ter sido publicado, como um dos músicos que mais confusões armou naquela estréia, que sua história começou a mudar.

Como gostaria de ouvir outra vez os acordes densos daquela música. Sei que aqui, neste recanto do mundo, talvez seja impossível, mas algum dia, quem sabe no Rio de Janeiro ou em outra grande cidade, possa reencontrar o som que tanto marcou minha juventude. Aqui, quando posso, vou à

catedral, onde se toca alguma música sacra, de grandes tons barrocos. É um sucedâneo bastante pobre, mas são também músicas bonitas ao seu estilo, um estilo envelhecido de dois séculos, e que ecoam pelas montanhas como evocação encanecida das vertentes portuguesas de minha mãe.

Além de minha memória, tenho como fonte de informações uma série de cartas que mantenho comigo, amarradas por uma tira fina de couro, e que explicam boa parte dos fatos que vieram a seguir. Essas cartas estão em minha mesa, agora, por um estranho desígnio do destino. Elas ficaram num pequeno baú, trazido por Pierre quando chegamos ao Rio de Janeiro, havia mais de trinta anos. Eu não sabia de sua existência e muito menos que estavam naquele baú, neste baú que está aqui, junto da mesa onde escrevo.

Há cerca de oito meses, enviei uma carta ao cônsul francês no Rio de Janeiro, solicitando qualquer informação de que pudesse dispor sobre o cidadão Pierre de Saint'Hilaire, uma vez que, desde que me despedira dele naquele campo de pinheiros, nunca mais tivera nenhuma notícia. Não que esperasse encontrá-lo vivo; mas, já que me preparava para escrever esta história, qualquer informação adicional seria bem-vinda. Claro que as recordações devem ser a base de um relato pessoal como este, mas meu hábito de jornalista me obriga, às vezes, a recorrer a outras fontes. Minha surpresa foi grande ao receber, como resposta do cônsul, uma carta acompanhando um velho baú. Um antigo funcionário da embaixada, a quem ele pedira para tomar as providências de encontrar as notícias de Pierre, lhe dissera que uma mulher, chamada Jeanne Jezebel, escrevera um grande número de cartas destinadas a um tal de Pierre de Saint'Hilaire, sem endereço conhecido, e as remetiera ao consulado da França no Brasil. As cartas foram guardadas. Certo dia, também há muitos anos, havia sido entregue no salão do consulado um pequeno baú, com o nome do mesmo Pierre de Saint'Hilaire, que fora esquecido numa pousada da rua do Rocio. O baú estava aberto e, como continha um grande número de cartas e outros papéis, escritos em francês, o proprietário o entregara no consulado para que o dono fosse encontrado.

As cartas de Jeanne foram colocadas também no baú, junto às que lá estavam, e ele ficou guardado ali, na expectativa de que um dia o cidadão francês Pierre de Saint'Hilaire aparecesse e pudesse resgatá-lo. Passaram-se trinta anos e o baú continuava lá, até que escrevi, falando de Pierre, de nossa amizade e da intenção de escrever um relato sobre ele. O cônsul, então, decidiu enviar-me o baú, para que eu o fizesse chegar às mãos de uma possível família de Pierre. Vou transcrever algumas dessas cartas e trechos de outras, porque elas irão explicar, melhor mesmo do que eu, que não conhecia todos os fatos, a história passada de Pierre e as razões mais profundas que o trouxeram até o Brasil, me arrastando com ele.

*Prezado Senhor,*

*Perdoe-me a liberdade de escrever-lhe sem que nos conheçamos formalmente. Ocorre que tenho necessidade de saber um pouco mais a seu respeito, pois me compete uma missão delicada, deixada em testamento por meu amigo e patrão, o insigne naturalista e viajante, homem de letras e saber, Auguste de Saint'Hilaire. Meu nome é Firmiano, sou um homem de sessenta anos e durante a maior parte de minha vida exerci o cargo de assistente do doutor Saint'Hilaire. Venho de um país distante, na América do Sul, o Brasil. Cheguei à França trazido por ele no ano de 1821, ao retorno de uma longa viagem realizada pelo Brasil, quando meu insigne mestre colheu informações para sua extensa obra de naturalista e viajante. Pois bem, na ocasião em que tomamos o navio no porto do Rio de Janeiro, onde havia dois meses eu aguardava o mestre, que viajava pela província do Rio Grande do Sul, no extremo meridional do Brasil, ele me apresentou a um menino de aproximadamente dois anos de idade, a quem chamava de Pierre e havia apostado, como em mim, seu sobrenome de Saint'Hilaire. Esse menino, filho de uma tribo guarani, do extremo Sul, provavelmente originário da província Oriental, seguiu conosco até o porto de Marseille, onde foi entregue, para ser criado, ao General Ferdinand-Pierre Auteuil, que servia no exército do Impe-*

rador Bonaparte. Possivelmente o general manteve no garoto o mesmo nome – Pierre de Saint’Hilaire – com que ele havia sido registrado no consulado da França no Rio de Janeiro.

Há cerca de sete anos meu mestre e amigo veio a falecer e deixou-me a incumbência de gerenciar parte de seus bens e apoiar os estudiosos que continuaram sua obra de classificação e identificação das plantas e de alguns animais trazidos do Brasil. Minha experiência pôde ajudar, já que até os 19 anos vivi naquele país, nas selvas, nos campos, e aprendi bastante com meu povo Botocudo, índios da nação de que faço parte e que viviam nos campos da província de Minas Gerais, quando nasci. Fui adotado pelo mestre quando tinha onze anos e o acompanhei na maioria de suas viagens nos seis anos que ele passou no Brasil. Pois bem, meu caro senhor, uma das tarefas que me deixou, antes de morrer, foi localizar aquele jovem índio que viera conosco para a França, já que desejava legar-lhe parte de sua modesta herança, uma vez que se sentia de certa forma responsável por sua vida aqui na Europa e diante de tantos transtornos e preconceitos que viu me atormentarem durante toda nossa convivência, imaginou que também o jovem guarani poderia estar necessitando de apoio. Mas, como sou um homem envelhecido e doente de muitas antigas febres que trouxe comigo da minha terra e que o frio deste País só agravou, e, além disso, como nunca morei em outro lugar que não este recanto de província distante, tem sido uma tarefa bem difícil. Procurei saber do antigo general que ficou com a missão de criar e educar o jovem Pierre, mas soube que ele morreu há bastante tempo na Alemanha.

Foi, portanto, com grande alegria que, ao ler a reprodução de uma reportagem no jornal de nossa província sobre os conflitos acontecidos durante a apresentação da ópera Tannhäuser, do compositor alemão Richard Wagner, tomei conhecimento da existência de um músico chamado Pierre de Saint’Hilaire, cuja descrição me fez imaginar a possibilidade de ser ele o mesmo garoto que veio conosco naquela ocasião. Pois bem, caro senhor, sabendo de sua existência,

*tomei a liberdade de escrever-lhe, enviando esta correspondência ao diretor do Teatro da Ópera, na esperança de que chegasse a suas mãos e que o senhor pudesse vir a ser aquele garoto guarani.*

*É evidente, meu caro senhor, que a entrega desta pequena herança deixada pelo mestre Auguste de Saint'Hilaire só poderá ser feita depois de comprovada devidamente sua identidade. E, na verdade, é uma herança hoje quase simbólica – restam aqui esta casa, onde moro e onde viveu o mestre, muitos livros e coleções de espécimes de plantas brasileiras, além de parte pequena dos direitos de autor de algumas de suas obras. De qualquer forma, será sempre um porto seguro de abrigo e alimentação. Mas pelo que li, pela importância de seu trabalho na Ópera aí de Paris, pressinto que o senhor não necessita deste apoio que o nosso grande mestre deixou em seu testamento. De qualquer forma, caso o senhor seja mesmo o jovem índio guarani, esta pequena herança está à sua disposição.*

*Por favor, escreva-me de volta, afirmando ou não sua identidade.*

*Atenciosamente,*

*Firmiano de Saint'Hilaire*

Esta carta eu já a conhecia: amassada, amarela, meio borra-da, foi a carta que Pierre um dia me mostrou, depois de todos aqueles acontecimentos na Ópera e bem depois de Wagner ter partido de Paris. Era uma noite chuvosa de novembro, fazia muito frio; Pierre e eu caminhávamos encolhidos pela rua des Francs-Bourgeois, na parte velha do Marais. Estávamos um pouco famintos e imaginávamos que seria possível encontrar Adèle, uma nobre prostituta que ganhara muito dinheiro e mantinha suas jovens cortesãs em um enorme apartamento num antigo e discreto prédio no Marais. Talvez nos recebesse para a ceia e talvez pela noite, embora não tivéssemos convites formais, ou seja, dinheiro. Pierre dizia que Adèle me amava e isso era um passaporte eficiente. Mas o fato que interessa é que num certo momento Pierre me disse:

– Recebi uma carta muito estranha, que me conta de onde eu vim. Não sou da Ásia, como vocês afirmam; acho que sou da América do Sul.

Nem sequer prestei muita atenção, porque andávamos de pressa e o frio e a chuva eram dolorosos. Mas ele repetiu:

– Acho que comecei a perceber meus mitos; acho que sou mesmo um índio de terras muito distantes.

E deu-me a carta para ler. Esta mesma carta amarela e manchada que está aqui agora nas minhas mãos, quase quarenta anos depois, como um milagre. Havia pouca luz na rua, a garoa nos molhava e eu tive que esperar chegarmos à casa de Adèle para poder abri-la. Era uma surpresa, mas nada que me chamasse muito a atenção, pois sempre imaginara que Pierre, com sua cara de bronze e olhos horizontais, era filho de qualquer dessas terras distantes. Porém, o que me impressionou foi a profunda nostalgia que envolveu Pierre. Na sala de Adèle, com muitas mulheres bonitas sorrindo e nos olhando com olhos de tesão, ele era um estranho: com o rosto largo de corte abrupto, moreno escuro, brilhante, parecia um desses profetas de pedra, imóveis na chuva, que contemplo aqui, do meu quarto de hotel.

Adèle era uma bela mulher madura, enriquecida com seus negócios amorosos, protegida de gente de estirpes antigas, aqueles sobreviventes da revolução que aprenderam a se adaptar, como baratas, a qualquer clima político. Agora sua ocupação e prazer era proteger jovens artistas, pobres como eu, que apoiava com algum dinheiro, permitindo que escrevessem seus poemas, pintassem seus quadros ou compusessem suas canções. Confesso que, na ingenuidade daqueles anos, me sentia orgulhoso de receber atenção e afagos de uma mulher bonita, rica e experiente como Adèle. Aquilo me fazia tanto bem que nem me preocupei com a nostalgia de Pierre. Adèle, ao contrário, percebeu. Sentou-se numa longa cadeira dourada que me marcou a memória por seu luxo absurdo e conversou com Pierre. No início não percebi sobre o que falavam, mas aos poucos a voz de Pierre foi tomando conta da sala e mesmo as garotas que aguardavam

seus protetores, que demoravam a chegar naquela noite fria, calaram suas *cocotteries* e ficaram escutando, como que fascinadas por aquela narrativa selvagem. Pierre repetia, com outras palavras, o mesmo argumento da noite de estréia de *Tannhäuser*, nas nossas conversas no Bois de Boulogne.

– Cada vez que penso em mim como um estrangeiro, aqui na França, penso também que serei estrangeiro em qualquer terra. Me imagino voltando para o lugar onde eu nasci, sobre o qual não faço a menor idéia, andando no meio de uma gente que fala uma língua desconhecida, com hábitos que não serei capaz de compreender e me assusto. Serei eternamente estrangeiro em qualquer terra, olhado, talvez, como sempre me olharam aqui na França ou em toda a Europa por onde andei com o exército: um estranho. O exército me salvou; tornou-se minha pátria, meu refúgio. Meu corpo foi bem treinado e minhas habilidades me deram mais sossego, baseado, com certeza, no medo, na hierarquia, na disciplina. Assim me foi possível estudar, procurar saber mais do que os outros oficiais, me impor, de todas as formas – na violência das lutas, na coragem para as batalhas, no estudo de tácticas e estratégias, na leitura de tudo o que me caísse nas mãos e me permitisse receber menos censuras de meus superiores e mais respeito dos meus comandados. Mas a música é que sempre ferveu no meu sangue, um tipo de música que não é desta terra e nunca soube de onde eu a trouxe, essa música que eu gosto de tirar dos meus tambores e que aparentemente só servia mesmo para os campos de batalha.

Pierre falava para Adèle, a cabeça baixa, e as moças, um pouco surpresas, ajeitavam seus cabelos, suas fitas e laços, parecendo incomodadas.

– A descoberta que fiz, de poder usar os meus sons também nas grandes orquestras, me salvou do exército, que me salvara da vida das ruas. Por isso, Wagner, suas composições vibrantes e duras, onde aplaquei uma sede que me vinha consumindo há muitos anos, foi de tanta importância em minha vida. Agora estou perplexo. Acabo de não saber mais quem sou. Que eu sou, na verdade, um estranho para mim mesmo, sem raízes, solto, transplantado para cá como um pé

de café numa estufa. Quando matei homens pela grandeza da França, me sentia francês. Agora, não sei.

Pierre pegou a carta da minha mão, esta mesma carta tão sucinta e delicada, e leu alto para Adèle e para as garotas, que continuavam em silêncio, ouvindo aquele sujeito estranho falando coisas mais estranhas ainda.

– Quem é Auguste de Saint’Hilaire? – perguntou Adèle.

(Continua numa livraria perto de si.)